

## “BRINCAR DE BOLA”: REFLEXÕES ACERCA DO CORPO FEMININO NO FUTEBOL AMADOR

Thayslani Thalys De Sousa

Josyanne Gomes Alencar

*Universidade Federal do Cariri UFCA- thayslanimis@hotmail.com*

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN -alencarciso2012@bol.com.br*

### Resumo

O foco central deste trabalho consistiu em estudar relatos de jogadoras de futsal/futebol amador que iniciaram a prática esportiva ainda na infância, com irmãos, primos, vizinhos e amigos. Nesta perspectiva buscamos adentrar aos estudos sobre gênero, dando ênfase nas representações corporais femininas através do futebol feminino. Esta comunicação apresenta algumas reflexões sobre a experiência que uma das autoras vivenciou como bolsista e estudante do curso de Ciências Sociais enquanto bacharel. O presente artigo traz como lócus de pesquisa a cidade de Crato na região do Cariri Cearense. Para compor as análises etnográficas da pesquisa foi utilizada a metodologia observação participante presente na antropologia, para analisar expressões como: “fortona”, “delicada”, “fraquinha”, “saradinha”, “magrinha”, “gordinha” que surgiram durante a pesquisa e todas elas referiam-se aos corpos das jogadoras em relação aos próprios corpos em observação. Nesse plano, tentamos aprofundar o estudo com essas mulheres jogadoras de futebol, futsal amador a partir de entrevistas e observações participantes. Desse modo, almejamos compreender as interpretações que essas jogadoras atribuíram ao próprio corpo quando da prática desta modalidade desportiva. Como resultado prévio, salientamos que quanto mais o corpo e desempenho da jogadora se aproxima do que é construído para o gênero feminino, elas recebem algum apoio e incentivo dos familiares e conhecidos, o contrário raramente acontece apesar de se tratar da modalidade amadora.

**Palavras-chave:** Brincar De Bola, Corpo, Futebol Feminino, Gênero.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho é apresentado falas de jogadoras de futebol que iniciaram a prática esportiva por volta dos oito anos de idade em sítios ou ruas de cidades pequenas com irmãos, primos, amigos, vizinhos e posteriormente nas aulas de educação física na escola. Uma mistura de algo improvisado com vontade de *brincar de bola*, assim é que se constituem as histórias de todas as entrevistadas nesta pesquisa, mulheres que receberam incentivos dos familiares e amigos, outras que não tiveram tanta sorte assim e ainda aquelas que sonham em sair do amadorismo. Tudo isso será visto sob a problemática do corpo de acordo com as mulheres jogadoras de futebol/futsal na cidade de Crato-

CE. Dentre as mais diversificadas modalidades esportivas disputadas no Brasil, o futebol se apresenta como a modalidade de maior referência para a população brasileira. Na visão de Viana (2012) o futebol é um fenômeno da cultura corporal, com grande representatividade na sociedade contemporânea, e, indiscutivelmente, o esporte mais popular do Brasil. Estabelecido como um esporte essencialmente da esfera masculina podemos observar uma desigualdade desproporcional em relação aos gêneros.

A autora Berenice Bento (2006) atualmente professora do departamento de Sociologia da Universidade de Brasília- UNB propõe que a explicação para a estrutura hierárquica, binária, dicotomizada dos gêneros dever-se-ia ao fato de os homens sempre terem ocupado o polo que concentra a autoridade: o mundo público. De acordo com Souza Júnior e Reis, (2010) a manutenção de um cenário [futebolístico] que deixa a mulher à margem ou como uma mera coadjuvante, legitimando as esferas do trabalho e do lazer relacionados a este esporte como de domínio masculino.

Numa visão de esporte masculinizante ao ser praticado por mulheres, o futebol costuma gerar problemáticas por parte da nossa cultura, a partir do que ela própria impõe como expectativas de conduta de gênero tanto para meninos como para meninas. Assim, surgem muitas piadinhas como: “ah, essa daí vai ser sapatão”, “quem já se viu mulher jogar bola?”, “olha o jeito que ela caminha, parece um homem”, essas e outras expressões<sup>1</sup> demonstravam o quanto os homens se incomodavam em ver as mulheres jogando bola.

No meio esportivo ser mulher pode ser considerado viver à sombra de questões sociais e culturais, sobretudo por parte da mídia em relação à construção dos corpos. Não por acaso, uma das minhas informantes no campo empírico da pesquisa – Yasmim<sup>2</sup>, 39 anos, demonstra preocupação com o corpo, quando em uma conversa ela me diz: - “[...] ave maria, quando a gente tá com uma barriguinha... (risos). Eu não curto muito essas curvas, muita massa muscular, eu assim, me preocupo mais pela minha saúde, pelo fato assim, que eu já tenho 39 anos, não sou mais nenhuma criança”. Será que Yasmim estaria preocupada apenas com a saúde? Um jogador de futebol na sua idade teria a mesma preocupação com a “barriguinha”? Uma vez que, para os homens isso poderia

---

<sup>1</sup> Expressões extraídas das entrevistas com as jogadoras de futebol e também presenciadas por mim como jogadora de futebol amador.

<sup>2</sup> Nome fictício usado para preservar a imagem da informante na pesquisa, bem como todos os outros nomes próprios que virão a seguir.

até passar despercebido, afinal com essa idade eles enquanto jogadores profissionais já estariam aposentados.

Historicamente, a mulher no esporte de competição considerado masculino sofreu um processo de discriminação que dificultou suas participações nas mais diversas modalidades, como: as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo, pentatlo e o futebol<sup>3</sup>. Após o engajamento da mulher na produção sócio econômica, política e cultural, lá por volta das décadas de 1970 e 1980 do século XX, com o advento dos movimentos feministas começaram ocorrer mudanças nesse quadro e as mulheres incorporaram-se no mundo dos esportes. Com alguma frequência é possível dizer que elas [mulheres no esporte] adentraram naqueles campos considerados de alto rendimento, no qual era ressaltado por alguns estudiosos<sup>4</sup>, principalmente da área da saúde, como não compatíveis para o corpo da mulher que era e ainda é uma das práticas esportivas que a mulher não era vista com “bons olhos”.

As mulheres só começaram a ter um papel mais efetivo dentro dos campos, a partir dos meados da década de 1980. Goellner (2005) afirma que, com a lei abolida, a partir de 1980, começaram a surgir vários times femininos. No ano de 1996, o futebol feminino conseguiu seu lugar nos Jogos Olímpicos<sup>5</sup>. Nos anos 90 houve uma grande expectativa para a consolidação do futebol feminino dentro do cenário esportivo. Com a esperança de que a mídia tivesse interesse em propagar o futebol feminino, com a criação de eventos, como por exemplo, campeonatos. Assim como acontecia com o futebol masculino, porém, os resultados não foram os esperados.

Segundo Mariane Pisani (2014) há uma história relativamente recente em relação à participação de mulheres em atividades desportivas. E esta aparição feminina no espaço público, ocasiona uma progressiva infiltração de mulheres no futebol. Com isso visualiza-se uma expressão de mudanças sociais e culturais que impactam os modelos de gênero. Mesmo cercadas de intensas controvérsias quando estas têm o papel de “jogadora”, elas acabam aos poucos conquistando seu espaço. É válido ressaltar, que esse espaço não é de tão fácil acesso, para ilustrar melhor essa situação trago o exemplo da seleção feminina de futebol brasileira, que sempre foi treinada por técnicos.

---

<sup>3</sup> 1ª Para este trabalho a distinção entre as modalidades futebol e futsal é irrelevante, portanto não estarei preocupada em fazer esta distinção ao citar uma ou outra modalidade. 2ª Futebol é um esporte cujas exigências físicas requerem uma mistura de corrida de resistência e um ritmo de velocidade contínuo.

<sup>4</sup> O trabalho *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades* de Silvana Vilodre Goellner (2005) traz essas informações sistematizadas.

<sup>5</sup> “O torneio feminino de futebol passou a integrar a agenda Olímpica em Atlanta 1996, quase 100 anos após a estreia masculina nos Jogos”. Fonte: [http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist\\_fut\\_olimpiadas.html](http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_fut_olimpiadas.html)

Para discutir o espaço das mulheres no universo futebolístico considerarei a relação entre futebol, gênero e corpo. Abordando esses conceitos, na temática do esporte quando este nos traz várias reflexões acerca do papel feminino em determinadas práticas esportivas. No caso do futebol, a mulher jogadora nos possibilita tratar de questões sobre a sua feminilidade e seu corpo, por exemplo, já que esse esporte vem a ser mais bem visualizado de acordo com a mídia televisiva, quando praticado por homens, por ser também considerado de domínio masculino os meios de comunicação de massa. Stahlberg<sup>6</sup> (2009, p.10) afirma que a entrada das mulheres nesse universo tão claramente masculino “estremecia a barreira entre os gêneros”.

Para as mulheres o espaço do privado – a casa; é associada culturalmente, historicamente e socialmente como o único ou um dos poucos lugares em que a mulher pode transitar sem obter muitos problemas. Para DaMatta, (1997), por exemplo, em “A casa e a Rua”, no capítulo um, o tempo e o espaço são construções sociais, que parece o tempo todo terem sido criadas e servirem para homens. Pois, nesse texto, o autor traz que: são os homens que tratam de negócios nas ruas, enquanto as mulheres podem preparar as festas e cerimoniais no espaço da casa. Por isso, ainda é tão assombroso ver mulheres dominando a rua ao jogarem bola, em campeonatos, copas e ocupando espaços e tempos que antes eram exclusivamente masculinos.

De modo que é comum ouvir das minhas informantes nas abordagens em campo, que suas mães não gostavam que elas “jogassem bola” mesmo quando crianças, quando ainda apenas “brincavam de bola” – algumas mães alegavam preocupações com *boladas nos seios*. Outras: “isso é coisa de homem”, pois o espaço público poderia estar ameaçado com a presença feminina. Por isso, que também é comum colher das entrevistas e observações participantes realizadas expressões como “ei sapatão, sapatão” para tentar enquadrar as jogadoras de futebol/futsal de algum jeito.

Notamos assim, que em ambas as situações expostas, primeiro a da mãe aparentemente preocupada e em seguida o julgo popular de outrem ao se referir a mulher que joga bola como “sapatão” passa pela ideia do corpo, uma vez que, *bolada nos seios* e *sapatão* estão ligadas a um desempenho físico. Conforme Stahlberg (2009) as mulheres sempre tiveram seu lugar na sociedade bastante demarcado e diferenciado do lugar masculino. Sua posição sempre foi de relativa inferioridade e esse tipo de relação também se faz presente no domínio esportivo. Historicamente as práticas esportivas foram muito restritas para as mulheres até serem criadas categorias que replicam o dualismo de gênero em modalidades coletivas.

---

<sup>6</sup> Ver Lara Tejada Stahlberg, *Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero*. In: *Visões de Jogo: Antropologia das práticas esportivas*, p. 145, 2009.

Dentro da prática esportiva é comum observarmos discursos que sinalizam rótulos para as diferenças biológicas, justificando o acesso e a permanência de meninos e meninas em diferentes modalidades esportivas, outro aspecto é a representação de que existem estereótipos femininos e masculinos ou a identificação que algumas práticas corporais devem ou não ser indicados para meninos e/ou meninas, pois seriam correspondentes ao gênero. Para Marilene Marodin (1997) o papel do gênero é o conjunto de expectativas em relação aos comportamentos sociais que se esperam das pessoas de determinado sexo. A estrutura social é que prescreve uma série de funções para o homem e a mulher, como próprias ou "naturais" de seus respectivos gêneros. A maioria dessas categorizações é estabelecida pela sociedade e transmitida pela família. (MARODIN, 1997, p.10).

*Do campo de pesquisa ao campo dos jogos de futsal.*

A pesquisa delimitou-se, como foi mencionado anteriormente, na cidade de Crato- CE<sup>7</sup>. A observação participante, assim chamada, durante o procedimento metodológico, o pesquisador (no caso aqui, a pesquisadora) procura sempre ter um grau de interação com a situação estudada, afetando e sendo afetado. Posterior às observações, comecei o processo das conversas informais com as jogadoras, visando conhecer e familiarizar-me com os sujeitos da pesquisa. Após esse contato, as jogadoras ficaram cientes de todos os objetivos da pesquisa e suas justificativas. As observações, em sua maioria, foram realizadas durante os treinos e em alguns jogos oficiais durante as partidas de futsal feminino ocorridas no período de junho de 2014 a março de 2016.

Ora sentada nas arquibancadas, ora sentada nos bancos reservas que ficam na parte interna da quadra, fazendo minhas anotações. Dessa forma, esses lugares me serviram para que eu pudesse ter contato com as jogadoras. Utilizando a técnica de observação empregada no estudo, a de “participante como observadora”, por vezes, as pessoas ali não compreendiam exatamente o que eu fazia o que eu tanto anotava no meu caderno. Para as pessoas que estavam apenas assistindo (já que para as minhas interlocutoras a pesquisa havia sido apresentada), dessa forma, parecia que durante todo o tempo, causei certo tipo de estranheza para os demais. Os diários de campo serviram de subsídios, pois as informações coletadas por meio de observações são registradas, facilitando assim, a interpretação dos dados coletados em campo.

---

<sup>7</sup> Uma das principais cidades que compõe a região do Cariri cearense localiza-se na região sul do estado e, fica a aproximadamente 537 km da cidade de Fortaleza – capital do estado do Ceará.



Posteriormente, foram realizadas entrevistas em profundidade, com base na técnica história de vida, com estas mulheres. Para tanto, foram realizadas entrevistas sendo individuais (com onze jogadoras) e uma coletiva (envolvendo oito jogadoras). Esta opção é uma ferramenta eficiente para investigar dinâmica de mudanças sociais visibilizando eventos e processos que poderiam não ser resgatáveis por outros caminhos (QUEIROZ, 1987; BECKER, 1999). Becker (1999, p. 102) lembra que ao realizar entrevistas do tipo “histórias de vida”, o pesquisador mantém o relato orientado para os temas que interessam à pesquisa. Além do que, esse método nos ajuda a conhecer históricas específicas de cada jogadora e nos ajuda também a entender como se constituiu o lugar social dessa jogadora.

Outra importante contribuição teórica para esse estudo foi direcionada para o conceito dos papéis sociais, que são criados em cada sociedade/cultura, não há uma universalidade de papéis. Sintetizando a ideia da teoria dos papéis sociais, pode-se dizer que numa perspectiva sociológica, a identidade é atribuída socialmente, sustentada socialmente e transformada socialmente (BERGER, 1986). “Dizem que mulher nasceu pra limpar fogão, limpar casa e o homem nasceu pra jogar bola... Apois, tá tudo ao contrário hoje”. Na fala de Carla, podemos visualizar essa ideia dos papéis sociais que nos são impostos a partir da cultura que estamos inseridos.

Quando as mulheres saem, ou acham que estão saindo dessa normatividade, acentuam-se problemas nos papéis sociais que são impostos pela sociedade para estas, para nós. A mulher ao ser categorizada como jogadora de futebol passa a ser cobrada mais rigorosamente no papel que lhe é imposto. Por isso, não basta ameaçar atravessar a fronteira do gênero é preciso mostrar algo a mais, como veremos, por exemplo, na fala de Yasmim, quando ela expressa que não bastou jogar futebol, foi preciso ganhar prêmios e ainda assim não obteve o reconhecimento necessário, ou, que obteria talvez um homem na mesma posição.

YASMIM: Meu pai é muito calado, na dele, muito, muito, muito na dele, ele é uma pessoa muito neutra assim, a gente brinca assim, quando o flamengo vai jogar: “eita, meu timão, a seleção assim...” a merda, ele brinca assim, porque ele é vascaíno, mas assim, ele nunca foi... **Meu sonho era ele [pai] ir ver eu jogando, ele nunca foi, nunca tive oportunidade assim, tive só com meus irmãos que jogava lá em Antonina, tavam morando lá, ele [pai] ficou doido lá. Assim, eles tem muito orgulho, tenho um arsenal lá em casa, troféu, ai meu irmão até brinca, ele diz que os trofeis que tem lá em casa é ele que ganha de vaquejada, essas coisas sabe? Mas, enfim... (destaque nosso).**

Essa história nos foi contada quando falávamos sobre sua participação em alguns times profissionais e como sua família via essa passagem, se apoiava ou não. E o que notamos é que os papéis sociais são realmente impregnados na sociedade e tentar desconstruí-los ainda é tarefa desafiadora e que requer algum tempo.

Nas entrevistas que realizamos em campo, podemos notar que todas as entrevistadas iniciaram o ato de jogar bola, ou, *brincar de bola* por volta dos oito aos dez anos de idade, essa brincadeira como elas chamam aconteciam entre irmãos, primos, vizinhos, amigos e até um caso de uma entrevistada que conta que viveu no sítio e por ser filha única jogava com seu cachorro. Depois as meninas davam continuidade à *brincadeira* nos times improvisados da escola onde jogavam com meninos mesmo, pois elas contam que as meninas tinham receio de se sujar, suar, ficarem desarrumadas e, assim, poucas queriam *brincar de bola* nas aulas de Educação Física. Quando essas mulheres entrevistadas foram crescendo e viram que gostavam de futebol as mães começaram a intervir, lá por volta dos 15 aos 18 anos de idade (algumas de forma proibitiva), os pais em geral não se manifestavam e os irmãos apoiavam. Porém, isso acontece mais entre as mulheres com menos de 30 anos e com um perfil mais feminino, as que têm mais de 30 anos contam que não recebiam incentivo de ninguém da família e que o preconceito era grande a ponto de fazê-las parar de vez.

Quando são questionadas por mim sobre o fato de haver algum incentivo hoje por parte de algum órgão público, ou pensarem em levar a sério a questão da prática e sair do amadorismo elas me dizem que: algum benefício só é encontrado fora daqui, se referindo aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Nesse ponto trago parte da entrevista que fiz com Cláudia, 25 anos, quando ela se recorda que já teve a oportunidade de fazer um teste para um time profissional no Rio de Janeiro, mas por ser menor de idade sua mãe não permitiu. Apesar de não fazer muito tempo que a mãe de Cláudia a proibiu de ser uma jogadora de futebol, a mídia televisiva parece estar acordando aos poucos para essa modalidade esportiva feminina aqui no Brasil. Pela primeira vez na história da TV brasileira aconteceu neste ano de 2016, a transmissão da copa sub -17 feminina de futebol, televisionada pela emissora bandeirantes a única até agora da televisão aberta a mostrar jogos entre mulheres. O evento em questão ocorreu na Jordânia, continente asiático, a copa foi disputada por 16 equipes a Coreia do Norte ganhou do Japão, já o Brasil foi eliminado na primeira fase. Até pouco tempo atrás isso era considerado *coisa de homem*, como lembra Júlia, 35 anos, outra entrevistada nesta pesquisa.

JÚLIA: Ia por conta própria, [jogar bola] muito preconceito naquela época. E outra coisa, é porque mulher é muito fresca, é, pra jogar futebol, porque você fica assim... Assim eu não digo as meninas aqui, mas se você prestar atenção se você chegar e a menina for... Tipo... Muito feminina, feminina, feminina ao extremo, ela não vai querer se pegar e coisar os cabelos. Isso interfere. Se você prestar atenção, você é... Talvez, se você for, não aqui, porque aqui porque todas gostam de jogar futebol, mas, tipo, se você for num colégio... E fazer mesma pesquisa, tipo o Pequeno Príncipe, pode ser em colégio público mesmo, na faculdade, na faculdade a gente tentou ter um time, cadê? Ninguém apareceu, pra jogar, porque acha que é coisa de homem, e outra coisa que não vai pegar e ficar toda suja. E se você prestar atenção olha ai... Eu tô falando é sério.

Esta modalidade esportista foi organizada e popularizada primeiramente pela elite brasileira, consecutivamente para ser praticado apenas por homens. As leituras sobre a chegada do futebol no Brasil nos mostram que há neste esporte alguma discriminação e que se deram desde os primeiros jogos realizados no país, que não era apenas a questão da classe social, mas também de raça e de gênero. Giarola (2003) aponta que:

Desde então já se podia observar o comportamento discriminatório, racista e preconceituoso extremamente acentuado e generalizado na sociedade brasileira, onde os negros eram excluídos e oficialmente não podiam participar dos jogos, e muito menos as mulheres, pois o futebol era visto como atividade essencialmente masculina, marcada pela força e violência do contato físico, características incompatíveis para o corpo da mulher e consideradas próprias para construir e reforçar a identidade do corpo homem (GIAROLA, 2003, p. 71).

Enquanto espaço masculino o futebol é apontado por representar a dominação simbólica dos homens sobre as mulheres. As mulheres só podiam praticar atividades esportistas que demonstrasse os papéis que a sociedade conservadora tanto sublimava na época. Giarola (2003) reforça que as mulheres deveriam reforçar os papéis determinados para o corpo feminino, através de valores e normas coerentes como a feminilidade e a maternidade. Sendo assim, ainda existe a tentativa de enquadramento do corpo feminino nessa modalidade esportiva, de modo que até é comum escutar em campo passagens onde minhas informantes na pesquisa se recordam de terem escutado a seguinte frase: “essa menina só que saber de jogar bola, vai ser bem sapatona” me conta Alice, 18 anos, estudante e que reside na cidade de Crato-ce.

Goellner (2005) sinaliza em seus estudos a respeito da inserção das brasileiras nesse esporte. Analisando documentos produzidos na primeira metade do século XX até as publicações recentes



em relação ao tema, a autora identifica que as mulheres há muito tempo buscam visibilidade na sua história enquanto praticantes do futebol. Mas só a partir dos anos 1920 é que se constata alguma visibilidade dentro desse território. A autora ainda ressalta que o espaço conquistado pelas mulheres dessa época começou a despertar suspeitas, pois abrangiam certos limites que iam contra a imagem do ideal feminino esperado pela sociedade.

É possível pensar que nem só nessa época [1920] essas suspeitas eram levantadas, a seleção de futebol feminina brasileira sempre foi treinada por homens, exceto uma notícia recente que saiu a pouco na mídia que traz Emily Lima de 36 anos, uma ex-jogadora de futebol que jogou no Brasil e na Europa e agora será a técnica da seleção brasileira. Emily, foi vice-campeã da Copa do Brasil com o São José dos Campos [São Paulo] e em participação recente num programa de Televisão aberta, a ex-jogadora ao ser indagada sobre existir diferenças entre técnico e técnica, responde: -“a diferença acontece fora do campo, em campo é tudo igual”. Esse seu pronunciamento pode indicar uma postura menos etnocêntrica em campo, que talvez comece a mudar, uma vez que, lembro que perguntei para Camila, 20 anos, também estudante e residente em Crato o que diferenciava quando ela jogava com homem e de quando jogava com mulher:

CAMILA: Rapaz... Você me pegou! (risos) não sei, é porque eu num... Eu acho que é porque eu nunca parei pra ver as meninas jogando futsal, nunca parei. Eu vejo mais o futsal masculino, nunca parei para reparar no futsal feminino não, acho que é porque desde de criança sempre joguei com homem então...

A partir desse depoimento de Camila, podemos ver que a mídia tem um papel chave na identificação dessas meninas com o futebol, seja ele masculino ou feminino. Portanto, devido a mídia mostrar mais a atuação masculina essas meninas tem mais referências com o futsal/futebol feito por homens, quem sabe esse cenário comece a mudar um pouco, agora que depois de tantas lutas, as mulheres integrem lugares que hierarquicamente são marcados, mas podem ser alterados ao passar de épocas e espaços.

## REFLEXÕES FINAIS

As jogadoras de futebol/futsal que ilustraram este ensaio foram acompanhadas no período de junho de 2014 a março de 2016, por (Thayslani) em sua maioria são mulheres jovens e adultas, solteiras e (com exceção de duas jogadoras) sem filhos. Com faixa etária que vai de 18 a 39 anos. Das 11 entrevistadas que fazem parte do grupo de mulheres que treinam todas as terças-feiras, na

praça da quadra bicentenária<sup>8</sup>, pode-se constatar em conversas informais e em entrevistas que todas elas vêm de famílias humildes. Muitas dessas jogadoras tiveram sua infância em sítios ou em cidades pequenas do interior do estado do Ceará, exceto Maia, que veio de João Pessoa capital do estado da Paraíba. Lugares estes, que tem alguma influência das convenções culturais que elas reproduzem através das histórias aqui elucidadas, sobretudo quando se lembram de quando começaram a jogar bola e como foi esse processo. Assim, atentando para o imaginário popular de que futebol e mulher não combinam porque os estereótipos existiam/existem, mas que aos poucos as mudanças chegam, seja pela mídia ou não.

Com isso, visualiza-se uma expressão de mudanças sociais e culturais que impactam os modelos de gênero. Mesmo cercadas de intensas controvérsias quando estas têm papel de “jogadora”, elas acabam aos poucos conquistando seu espaço. Deparamo-nos com uma significativa mudança no olhar da Federação Internacional de Futebol (FIFA), quando se realiza a primeira copa mundial de futebol feminino em 1991, sediado na China, e desde então, houve mais seis edições, posteriormente, com intervalos de quatro anos<sup>9</sup>. Dessa forma, o campo nos permitiu visualizarmos algumas questões que poderiam ser desenvolvidas em outros projetos, como por exemplo, o interesse feminino por futebol não se dava de forma tão limitada, assim como a maioria dos estudos trazem, levando em consideração a participação feminina apenas como torcedora. Percebemos isso muito além, elas estão literalmente dentro de campo.

No futebol, o corpo da mulher é encarado como um corpo feminino em uma prática masculina, assim como na dança e na ginástica existe essa “comparação” em relação à participação masculina. Os homens são também discriminados em alguns campos, tais quais as mulheres que se referem às formas esportivas de lutas e jogos competitivos. De acordo com MAUSS (2003), a interpretação de uma prática corporal é diferente se compararmos diferentes indivíduos ou grupos de acordo com a sua cultura e formação. Se a mesma pergunta fosse feita a praticantes de Voleibol, por exemplo, as interpretações poderiam ser diferentes. O grupo aqui investigado, jogadoras de futsal/futebol feminino, está inserido em um contexto de subversão de fronteiras de gênero. Por fim, nessas idas a campo o material registrado a partir dos contatos estabelecidos serviram como pontes possíveis que originaram como resultado este ensaio, que diga se de passagem, é um recorte do trabalho final de conclusão de curso de uma das autoras deste *paper*.

---

<sup>8</sup> Atenção ao período em que o campo foi feito, o que não quer dizer que tenha permanecido estático ou mudado muito.

<sup>9</sup> A evolução do futebol feminino (em português) FIFA.com. Acessado em primeiro de agosto de 2015.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Howard. “A história de vida e o mosaico científico” in **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BENTO, Berenice. Estudo de gêneros: o universal, o relacional e plural. In: **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERGER, Peter. A perspectiva sociológica – a sociedade no homem. In: \_\_. **Perspectiva Sociológica: uma visão humanista**. Petrópolis: Vozes, 1986. P. 106-136.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: Espaço. Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**, v. 5, 1997.

DEVIDE, Fabiano Pires. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. 1 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2005. Acessado no dia 25 Julho 2014, consultado quatro Outubro de 2014. URL: <http://pontourbe.revues.org/1621> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1621 .

GIAROLA, W. A. **Corpo mulher no esporte: a questão da prática do futebol**. 2003. 155f. Dissertação (mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, UNIMEP, Piracicaba, 2003.

GOELLNER, S. V. Gênero, Educação Física e Esportes. Do que Falamos Quando em Gênero Falamos? In: VOTRE, S. **Imaginário & Representações Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2005. P, 215-227.

MARODIN, Marilene. As relações entre o homem e a mulher na atualidade. **Mulher–Estudos de Gênero**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1997. PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo », **Ponto Urbe** [Online], 14 | 2014.

MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”. In: **Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2003.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo », **Ponto Urbe** [Online], 14 | 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Introdução - Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In. VON SIMSON, Olga (org.) **Experimentos com histórias de vida: Itália/Brasil**. Enciclopédia aberta de Ciências Sociais. **São Paulo: Vértice**, 1988.

SALVINI, Leila. **Novo Mundo Futebol Clube e o “Velho Mundo” do Futebol: Considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol**. Dissertação mestrado em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná 2012, 132f. Dissertação (mestrado em educação física).

VIANA, Aline Edwiges dos Santos. As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível. **Unpublished Master thesis. Universidade Estadual de Campinas**, 2012.